



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**DANIELA COELHO AGENI
LETÍCIA RAFAELA ARCANJO**

**DIFERENÇA E DESIGUALDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS OBSERVADAS COM CRIANÇAS,
JOVENS E ADULTOS**

MARIANA, MG

2025

DANIELA COELHO AGENI
LETÍCIA RAFAELA ARCANJO

**DIFERENÇA E DESIGUALDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS OBSERVADAS COM CRIANÇAS,
JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Departamento de Educação da Universidade Federal
de Ouro Preto, como requisito final para a obtenção
do título de licenciada em Pedagogia. Professor:
Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos Orientação: Dra.
Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva

MARIANA, MG
2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A265d Ageni, Daniela Coelho.

Diferença e desigualdade nos anos iniciais do ensino fundamental a partir de experiências observadas com crianças, jovens e adultos.
[manuscrito] / Daniela Coelho Ageni. Letícia Arcanjo. - 2025.
29 f.

Orientadores: Prof. Dr. Erisvaldo Santos, Profa. Dra. Fernanda Silva.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Educação de jovens e adultos. 2. Educação infantil. 3. Ensino fundamental. I. Arcanjo, Letícia. II. Santos, Erisvaldo. III. Silva, Fernanda. IV. Universidade Federal de Ouro Preto. V. Título.

CDU 373.3

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Daniela Coelho Ageni
Letícia Rafaela Arcanjo

Diferença e desigualdade nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a partir de experiências observadas com crianças, jovens e adultos

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia

Aprovada em 09 de março de 2025.

Membros da banca

Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 09/03/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/05/2025, às 11:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0905644** e o código CRC **1F9DBC42**.

RESUMO

O trabalho objetivou relatar e refletir sobre as diferenças e diversidades no contexto escolar, abordando experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental e a participação no Programa de Residência Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos (RP-EJA). As vivências foram realizadas em escolas da rede pública do município de Mariana - MG, onde foram observados os desafios e as estratégias pedagógicas adotadas para atender às especificidades dos alunos. No Ensino Fundamental, a experiência se deu em uma turma do 1º ano, na qual foram desenvolvidas práticas inclusivas para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Síndrome de Down. Foi possível perceber a importância do papel do professor na mediação do aprendizado e na construção de um ambiente acolhedor e inclusivo. Na EJA, a participação evidenciou as dificuldades enfrentadas pelos alunos, que possuem trajetórias de vida diversas e desafios relacionados ao tempo de afastamento da escola, ao trabalho e às responsabilidades familiares. A adaptação dos métodos pedagógicos e a necessidade de um ensino contextualizado foram pontos fundamentais observados durante a residência pedagógica. A partir dessas experiências destaca-se a relevância de uma educação que reconheça e respeite as diferenças e as desigualdades, promova a inclusão e garanta oportunidades iguais de aprendizado para todos. Os relatos reforçam a necessidade de investimentos em formação docente e recursos pedagógicos para que a desigualdade e a diferença em sala de aula sejam tratadas de maneira equitativa e acolhedora.

Palavras-chave: Diferenças, Desigualdades, Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

The study aimed to report and reflect on differences and diversity in the school context, addressing experiences from a supervised internship in the early years of Elementary Education and participation in the Pedagogical Residency Program in Youth and Adult Education (RP-EJA). These experiences took place in public schools in the municipality of Mariana, MG, where the challenges and pedagogical strategies adopted to meet students' specific needs were observed. In Elementary Education, the experience was carried out in a 1st-grade class, where inclusive practices were developed for students with Autism Spectrum Disorder (ASD) and Down Syndrome. It was possible to observe the crucial role of teachers in mediating learning and fostering a welcoming and inclusive environment. In the EJA program, participation highlighted the difficulties faced by students, who have diverse life trajectories and challenges related to time away from school, work commitments, and family responsibilities. The adaptation of pedagogical methods and the need for a contextualized teaching approach were fundamental aspects observed during the residency program. Based on these experiences, the study highlights the importance of an education system that recognizes and respects differences and inequalities, promotes inclusion, and ensures equal learning opportunities for all. The findings reinforce the need for investments in teacher training and pedagogical resources to address inequality and diversity in the classroom in an equitable and supportive manner.

Keywords: Differences, Inequalities, Early Childhood Education, Youth and Adult Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
RELATOS DE EXPERIÊNCIA: UM GÊNERO TEXTUAL	8
RELATO DE EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	9
A instituição e a turma onde realizei o estágio	9
Reflexões sobre as observações: um olhar atento às diferenças	12
Rotina da professora	13
RELATO DE EXPERIÊNCIA DA RESIDÊNCIA DA EJA	18
A educação de jovens e adultos e a obrigatoriedade de atendimento	18
As diferenças em salas de aulas dos alunos da EJA	19
EJA no programa de residência pedagógica	21
Descrevendo a professora, turma e os conteúdos metodológicos	22
Como atender as diferenças dos sujeitos diversos	24
CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

As salas de aula, de uma forma em geral, são marcadas pela diversidade e desigualdade crescentes, refletindo a complexidade e os diferentes contextos dos alunos. Essas variações podem envolver aspectos como idade, gênero, etnia, habilidades cognitivas, ritmos de aprendizagem, que influenciam diretamente o processo de ensino e de aprendizagem. O atendimento desses alunos com diferentes necessidades e características no contexto escolar é um dos principais desafios da educação contemporânea. Sob o ponto de vista de Freitas (2008), afirma que “a inclusão reforça a prática da ideia de que as diferenças são aceitas e respeitadas, no entanto, para que isso aconteça de fato, são necessárias mudanças sociais, bem como um esforço mútuo de todos os incluídos na prática inclusiva” (Freitas, 2008, p. 28).

Hoje vivemos em um mundo inclusivo que está em constante transformação assim como na educação. É importante garantir que todos os alunos, independentemente de suas condições ou características, tenham acesso a uma educação de qualidade e a oportunidades iguais de aprendizado. A escola deve se adaptar aos alunos, reconhecendo suas especificidades, dificuldades e potencialidades. Esta perspectiva visa criar um ambiente educacional mais flexível, acessível e acolhedor, no qual todos os alunos, independentemente de suas condições, possam aprender de forma equitativa. Em vez de exigir que o aluno se ajuste ao sistema, a escola modifica suas práticas pedagógicas, materiais e abordagens para atender às necessidades individuais de cada estudante, promovendo uma educação de qualidade para todos. E, assim, pratica a inclusão ao invés da integração. Ao compreender a diferença entre integração e inclusão, fica claro que a inclusão representa um avanço no sentido de uma educação mais democrática, equitativa e que reconhece as diferenças como um ponto de enriquecimento do processo de aprendizagem. Sob o ponto de vista de Mantoan (1997);

A integração traz consigo a ideia de que a pessoa com deficiência deve modificar-se segundo os padrões vigentes na sociedade, para que possa fazer parte dela de maneira produtiva e, conseqüentemente, ser aceita. Já a inclusão traz o conceito de que é preciso haver modificações na sociedade para que esta seja capaz de receber todos os segmentos que dela foram excluídos, entrando dinamismo (Mantoan, 1997, p. 235).

É tarefa do professor acompanhar o desenvolvimento de uma turma diversa, sendo um desafio a implementação de uma educação verdadeiramente inclusiva, que consiga

atender às necessidades de todos os alunos. Existe uma preocupação por parte dos profissionais da educação quanto à elevada quantidade de alunos que não conseguem acompanhar o aprendizado e o desempenho coletivo da turma, outros possuem uma certa dificuldade ou deficiência física ou cognitiva que exigem adaptações e apoio especializados, precisando de atenção extra para garantir que possam participar plenamente das atividades e alcançar seu potencial. Já pensaram sobre como os professores enfrentam esses desafios de lecionar para uma sala diversificada? Como é possível ensinar certos conteúdos a alunos que têm condições físicas e cognitivas tão distintas? Como o professor percebe essas diferenças e como lida com elas?

Diante exposto, este trabalho tem como objetivo relatar duas experiências vivenciadas sendo uma durante o estágio supervisionado e a outra o Programa de Residência Pedagógica do curso de Pedagogia da UFOP em escolas da rede pública da cidade de Mariana. Nas duas experiências foi possível observar de forma direta as implicações dessa diversidade, acompanhando as dificuldades enfrentadas pelos alunos e as estratégias pedagógicas necessárias para atender os perfis tão distintos. Esse processo evidenciou a relevância de se desenvolver abordagens pedagógicas adaptativas e inclusivas, que respeitem os diferentes ritmos e formas de aprendizagem. As experiências abordam tanto os anos iniciais de ensino, com crianças do 1º ano, quanto a Educação de Jovens e Adultos (EJA), ambos os contextos que demandam abordagens pedagógicas diferenciadas para lidar com a diversidade e a desigualdade presentes nas turmas. Embora os alunos pertençam a faixas etárias distintas, é importante refletir sobre como, dentro da mesma modalidade de ensino, diferentes idades e perspectivas exigem estratégias específicas de ensino.

O presente relato faz a junção de duas faixas etárias distintas pois entende-se que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o Ensino Fundamental desempenham papéis essenciais na promoção da inclusão educacional e no desenvolvimento social. A EJA, especialmente, tem sido um instrumento para a superação do analfabetismo e para a garantia do direito à educação de adultos que não tiveram acesso à escolarização ou não concluíram na idade considerada apropriada, sendo uma das principais formas de reverter os impactos negativos do ciclo de exclusão educacional, permitindo que todos possam conquistar autonomia e melhores condições de vida. Já o Ensino Fundamental é a etapa em que se consolida a base do conhecimento e se constroi a cidadania, oferecendo a todos os estudantes o direito de desenvolverem habilidades e competências essenciais para o exercício pleno da vida em sociedade. Assim, tanto a EJA quanto o Ensino Fundamental são essenciais para a

redução das desigualdades educacionais e sociais, de modo a promover uma sociedade mais justa e igualitária.

É importante destacar que a educação é um direito de todos, conforme estabelecido pela Constituição Brasileira (1988). No entanto, no Brasil, ainda persiste uma taxa de analfabetismo absoluto de 7,0%, de acordo com o último Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Embora essa porcentagem seja relativamente baixa, ela corresponde a aproximadamente 11,3 milhões de pessoas que enfrentam barreiras para entrar ou permanecer na escola. Por isso, é importante discutir a questão do atendimento às diferenças dos sujeitos, para que todos dentro do âmbito escolar, se sintam pertencentes e tenham um ensino pensado em suas diversidades.

Iremos falar sobre as práticas pedagógicas adotadas no Ensino Fundamental para o atendimento às diferenças, relatando abordagens e os caminhos que os professores utilizaram para uma educação assimétrica de modo a reduzir as dificuldades de aprendizagem. É interessante apresentar as alternativas observadas que facilitaram o aprendizado dos estudantes com deficiências, dificuldades, problemas sociais, dentre outros desafios.

Sendo assim, serão apresentadas, primeiramente, as experiências adquiridas nas atividades teóricas e práticas desenvolvidas ao longo do Estágio Supervisionado II obrigatório do curso de Licenciatura em Pedagogia. A primeira experiência será descrita, detalhando os processos, as vivências, as observações e as reflexões emergentes no contexto dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I. Este estágio ocorreu no período de 10 de junho a 1º de julho de 2024, com carga horária total de 72 horas, em uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental I, durante o segundo bimestre do ano letivo escolar de 2024. A atividade foi realizada em uma escola pública situada na cidade de Mariana, no Bairro Cabanas.

Será apresentada a segunda experiência, que tem como propósito comentar a prática educativa realizada em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola municipal de Mariana, no Bairro Colina. Essa experiência ocorreu entre novembro de 2022 e março de 2024 e foi uma atuação voluntária no Programa Residência Pedagógica. Durante essa prática, enfatizou-se o processo de alfabetização, considerando as dificuldades enfrentadas pelos estudantes da EJA no Ensino Fundamental I e refletiu que a modalidade educacional ainda é subvalorizada, marcada por desafios metodológicos e pela necessidade de adaptações contínuas ao longo da regência. Tal experiência possibilitou uma compreensão aprofundada da fragmentação e das desigualdades presentes na educação brasileira.

Ao longo deste trabalho serão descritas informações detalhadas sobre o objeto do relato, os procedimentos adotados na elaboração das análises e atividades, bem como as discussões e conclusões advindas das experiências. O presente trabalho está organizado em três seções principais, estruturadas de forma a apresentar o tema, justificar sua relevância, descrever as experiências vivenciadas e refletir sobre as práticas educacionais observadas. Elas são: Introdução apresentando o nosso tema central, a justificativa apontando a sua relevância, o Relato de experiência como gênero literário, relato de experiência nos anos iniciais e da experiência na EJA e, a Conclusão para retomar os principais aspectos discutidos ao longo do trabalho, analisando a importância da inclusão educacional e os desafios da prática docente e o crescimento pessoal e profissional proporcionados por esses percursos formativos.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA: UM GÊNERO TEXTUAL

O presente trabalho adota o relato de experiência, um gênero textual que registra as experiências vivenciadas por alguém, sendo um tipo de texto acadêmico/científico de caráter narrativo. Para Mussi et al (2021, p. 63), o relato de experiência pode ser compreendido como “expressão escrita de vivências, capaz de contribuir na produção de conhecimentos das mais variadas temáticas”. De acordo com Costa (2015), “é essencial que o professor reflita sobre sua prática e se qualifique para desenvolver seu trabalho com tal pedagogia. Deve procurar ser ético, ser capaz de fazer o aluno se sentir seguro a aprender e impedir, dentro da sala de aula, qualquer tipo de discriminação” (Costa, 2015, p. 13). Essa perspectiva fundamenta a abordagem reflexiva que guiará nosso relato.

Dessa forma, o relato será uma descrição de fatos, envolvendo a reflexão sobre o que aprendemos, os desafios enfrentados e as soluções encontradas. Isso contribuiu para o desenvolvimento de habilidades importantes, como a capacidade de solucionar problemas, tomar decisões e comunicar de forma clara. Além disso, o relato de experiência permitirá o compartilhamento das vivências, auxiliando outros profissionais e acadêmicos a aprenderem com essas situações. Esse tipo de reflexão também pode destacar áreas que ainda precisam de melhorias ou de mais investigação, contribuindo para o avanço de áreas de estudo.

RELATO DE EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

(DANIELA A. COELHO)

Pela disciplina de Estágio Supervisionado II – Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tive a oportunidade de conhecer a professora regente e a turminha do 1º ano 04. Pude conhecer as atitudes da professora, sua didática, sua maneira de falar e de expressar com os alunos, as atividades teóricas e práticas aplicadas, os momentos de afeto e de puxão de orelha com cada um deles, assim como outras observações e reflexões que emergiram durante o estágio.

A vivência foi realizada entre os dias 10 de junho e 01 de julho de 2024, totalizando 72 horas, durante o segundo bimestre do ano letivo escolar de 2024, na escola pública. A escola é dirigida por uma diretora e uma coordenadora pedagógica. A turma era composta por 19 alunos, sendo 10 do sexo feminino e 9 do sexo masculino, incluindo dois alunos com necessidades especiais diagnosticados e um aluno sem diagnóstico definido, sob a supervisão de uma professora regente e uma monitora responsável por auxiliar as crianças com deficiência. As aulas ocorreram das 7h00 às 11h30 e, neste tempo de duração de 4h e meia por dia, pude aprender, fazer muitas reflexões, além do ponto de vista real sobre a sala de aula cheia de alunos maravilhosos com suas particularidades diferenciadas.

A instituição e a turma onde realizei o estágio

A instituição é uma escola pública localizada no bairro Cabanas, pertencente à cidade de Mariana, estado de Minas Gerais. Ela atende crianças dos bairros Cabanas, Cartuxa, Santa Clara, Vale Verde, além da área recentemente ocupada conhecida como "Vila da Serrinha". Esses bairros não dispõem de outras instituições de Ensino Infantil e Fundamental I, configurando essa escola como a única opção educacional para cinco comunidades. Assim, a escola assume uma importância significativa no atendimento à população local, que é predominantemente composta por alunos de classes socioeconômicas baixa e média.

A escola oferece, no período diurno a pré-escola, o Ensino Fundamental I (anos iniciais) e o Atendimento Educacional Especializado (AEE), enquanto no período noturno é disponibilizada a Educação de Jovens e Adultos (EJA) para os anos iniciais do Ensino Médio. A equipe pedagógica é composta por três profissionais, sendo uma responsável pela

Educação Infantil, outra pelos anos iniciais e a terceira pela EJA. Além disso, a escola conta com uma diretora, uma vice-diretora e funcionários incluindo professores, monitores, cozinheiras, faxineiras e vigilantes diurnos e noturnos.

A infraestrutura da escola é organizada em dois blocos, cada um com dois pavimentos e acessibilidade. O espaço físico é amplo e dividido em 32 salas de aula, que atendem alunos nos períodos da manhã, tarde e noite. Ademais, a escola possui outras instalações, como sala da direção, sala da coordenação pedagógica, sala dos professores, sala de arquivo morto, sala de recursos multifuncionais, secretaria, auditório, almoxarifado, biblioteca, área administrativa, refeitório, cozinha, despensa, vestiário, banheiros para funcionários e alunos da educação infantil, banheiro acessível para alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, pátio (coberto e descoberto), quadra esportiva coberta e um parquinho de recreação, que apresenta dificuldades de uso devido ao espaço disponível.

A instituição conta com três portões de entrada e saída, sendo que, durante os horários de entrada e saída dos alunos, uma pessoa é designada para controlar o fluxo de movimentação, dada a grande quantidade de estudantes, o que pode gerar certa confusão. Durante o período de aulas, todos os portões permanecem fechados, mas, caso seja necessário entrar na instituição, é necessário tocar a campainha e aguardar a abertura por parte do porteiro. Assim, deverá pegar a autorização na portaria para entrar nas dependências da escola, o que denota uma gestão eficiente em relação à segurança da instituição.

A seleção de funcionários e professores na instituição é realizada por meio de concursos públicos ou contratos por tempo determinado, conforme as diretrizes estabelecidas pela prefeitura municipal da cidade. Os docentes do ensino infantil e fundamental possuem formação em Licenciatura em Pedagogia, sendo que alguns deles também possuem especializações adicionais. A faixa etária dos docentes varia de 24 a 57 anos.

A escola oferece alimentação aos alunos, incluindo café da manhã e almoço no turno da manhã, almoço e café da tarde no turno da tarde, e jantar no turno da noite. Os cardápios são variados e elaborados pela nutricionista da instituição.

No que se refere ao Ensino Fundamental I, no turno da manhã são oferecidas quatro turmas do primeiro ano, divididas em 1º ano 01, 02, 03 e 04. Cada sala contém, em média, de 15 a 23 alunos, sob a supervisão de uma professora regente. Algumas salas contam com a presença de uma monitora para auxiliar as crianças com necessidades especiais, sendo que às vezes elas são direcionadas para atender dois a três alunos especiais na sala de aula.

Ao meu ver, a estrutura da escola, segurança, organização dos funcionários e a equipe pedagógica atende 70% à demanda dos alunos. A instituição busca atender e incluir

educandos que necessitam de Atendimento Educacional Especializado (AEE), contando com duas professoras especializadas nessa área que atuam na sala de recursos, além das monitoras de educação especial que apoiam alunos da Educação Inclusiva nos turnos da manhã e da tarde. Essas profissionais desenvolvem atividades diferenciadas que complementam o trabalho pedagógico em sala de aula, que são aplicadas em horários extra turno, uma a duas vezes por semana.

Os alunos não frequentam frequentemente a biblioteca; no entanto, a bibliotecária circula pelas salas com um carrinho de madeira repleto de livros, permitindo que cada aluno escolha um exemplar para leitura. No dia seguinte, os alunos devolvem o livro à professora ou a bibliotecária passa novamente e faz a troca dos livros.

As salas de aula estão equipadas com ventiladores, lousas, um a dois armários, cadeiras e mesas em bom estado. O espaço é amplo e bem ventilado, embelezado com murais coloridos que apresentam o alfabeto, números e atividades realizadas pelos alunos.

No entanto, observei que a escola apresenta limitações em relação ao uso de tecnologia, uma vez que não dispõe de data-shows, caixas de som ou DVDs nas salas de aula. Quando as professoras planejam utilizar esses recursos, precisam levar os alunos a uma sala específica que possui apenas um DVD e uma televisão. Os livros didáticos utilizados são da Editora Brasil, intitulados "A Conquista", sendo um livro por disciplina, incluindo a de inglês. Além disso, várias revistas e livros infantis estão disponíveis em uma mesa no canto da sala. Quanto a alguns materiais necessários para as atividades das professoras, a escola disponibiliza 70% do recursos como cópias, cola, lápis, borracha, tesoura, EVA, TNT, cartazes, tintas, entre outros materiais. Quando não tem as mesmas compram com o próprio dinheiro. Contudo, não observei brinquedos nas salas e não presenciei aulas em que os alunos pudessem trazer seus próprios brinquedos. Durante as aulas mais livres, a professora oferecia massinhas de modelar e livros para os alunos.

O planejamento pedagógico é elaborado uma vez por semana, durante o horário extracurricular das professoras. As cinco docentes do Ensino Fundamental I se reúnem para desenvolver o planejamento em conjunto, onde cada professora é responsável por uma disciplina, a qual é determinada por meio de um sorteio. Após a elaboração, os planos são armazenados em uma plataforma de drive, onde a pedagoga realiza uma revisão e as professoras fazem as correções necessárias.

Essa abordagem de desenvolver um plano de aula comum para os primeiros anos, resulta em um planejamento coeso e colaborativo, possibilitando várias reflexões sobre um tema específico. Além disso, a coordenação das turmas contribui para a cumplicidade entre as

professoras. A professora também demonstra respeito pelo quadro de horários dos alunos, esforçando-se para cumprir cada horário de aula, já que são 3 professores que lecionam na turma: A professora regente, a professora de inglês e de educação física.

Quadro 1: HORÁRIO DE AULA DA TURMA

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
Português	Ciências	Matemática	Português	Português
Português	Ciências	Matemática	Português	Inglês
E. Religioso	Português	Português	Matemática	Artes
Matemática	E. Física	História	Geografia	Matemática
E. Física	Matemática	História	Geografia	Matemática

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Os alunos recebem o dever de casa diariamente, as tarefas são realizadas no livro didático. Cada aluno leva seu livro para casa e cumpre as atividades solicitadas pela professora, que, no dia seguinte, corrige as tarefas em conjunto com os alunos, concedendo um visto àqueles que as completaram. Embora existam dois cadernos: um para as atividades em sala de aula e outro para as atividades em casa, nem todos os alunos trazem os cadernos para a escola, e, de maneira similar, nem todos realizam as atividades propostas.

Reflexões sobre as observações: um olhar atento às diferenças

Um dos aspectos essenciais no contexto educacional é a relação estabelecida entre o docente e os discentes, a qual se caracteriza por um ambiente de respeito mútuo, autorregulação e empatia. Segundo Silva (2013, p. 73):

A afetividade desempenha um papel fundamental na formação da inteligência, influenciando os interesses e necessidades individuais do sujeito. As emoções são atribuídas a um papel primordial na constituição da vida psíquica, funcionando como um elo entre o social e o orgânico (Silva, 2013, p. 73).

Esse ponto evidencia a relevância do vínculo afetivo para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. No ambiente de sala de aula, a docente demonstra uma boa gestão do espaço pedagógico, promovendo um ambiente seguro e acolhedor, no qual as interações são orientadas por um tratamento respeitoso e um afeto genuíno em relação aos alunos. Esse relacionamento positivo se reflete, também, nas interações entre os próprios alunos e a professora, que promovem uma troca constante de saberes, estimulando a colaboração, o engajamento e o desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem cooperativo e inclusivo.

Em relação à parceria família-escola, a professora ressaltou que, de maneira geral, essa relação é positiva, uma vez que muitos pais se fazem presentes nas reuniões e demonstram um compromisso significativo com a educação de seus filhos. No entanto, a professora observou que existe uma minoria de pais que não participam ativamente das reuniões escolares, o que frequentemente reflete uma falta de envolvimento no apoio às atividades escolares, como a realização dos deveres de casa. Essa ausência de participação pode refletir fatores diversos, como questões de tempo, falta de recursos ou dificuldades de comunicação, o que impacta de maneira desigual o desenvolvimento acadêmico dos alunos.

Rotina da professora

A docente inicia o dia escolar recebendo os alunos na quadra da escola, organizando-os de forma estruturada em uma fila indiana à sua frente. Neste momento, os alunos participam de uma prática de oração, solicitando bênçãos para o dia e para o bom desempenho nas atividades escolares, seguidos de uma breve apresentação musical. Após essa atividade, de maneira ordenada, a professora conduz os alunos até a sala de aula, onde realiza a organização espacial das carteiras de forma estratégica, considerando a dinâmica do grupo. Em sequência, procede à leitura dos combinados da sala e à montagem do calendário escolar, atividades que promovem a participação ativa dos alunos. A professora orienta ainda os alunos a registrarem no caderno de aula informações essenciais, como o nome da escola, o nome do aluno, o nome da professora e a data do dia. Caso haja dever de casa pendente do dia anterior, os alunos devem deixar seus cadernos ou livros sobre a mesa da professora, acompanhados do livro de historinhas infantis que foram trazidos, promovendo a organização e o acompanhamento das atividades realizadas.

A professora se caracteriza por uma postura ao mesmo tempo alegre e rígida, equilibrando de forma eficaz a disciplina com a criação de um ambiente acolhedor. Ela utiliza diversas estratégias pedagógicas, como cantar canções e ler histórias, para envolver as

crianças no processo de aprendizagem. Sempre atenta às necessidades de seus alunos, ajudando-os com as atividades e sempre ouvindo o que têm a dizer. Os dois alunos que frequentemente necessitam de sua intervenção são frequentemente posicionados na frente do quadro, o que permite à docente acompanhá-los de forma mais próxima e, simultaneamente, auxiliá-los e motivá-los a continuar seu raciocínio, de modo que não se sintam perdidos em relação ao andamento da turma. A professora costumava proferir frases como: “Vamos, João, você consegue, estou te esperando” e “Você é muito inteligente, eu falei que você conseguiria terminar.” São palavras que têm um objetivo motivacional. Segundo Guimarães (2004, p. 1760).

Os seres humanos, desde o nascimento, são voltados para a aprendizagem e estimulação, e essa tendência pode ser fortalecida ou enfraquecida, dependendo das interações contextuais. A satisfação de três necessidades básicas — competência, autonomia e vínculo — é essencial para a determinação do nível de desenvolvimento desse impulso natural, também denominado de motivação intrínseca (Guimarães, 2004, p. 1760).

Esse comportamento da professora evidencia como a satisfação dessas necessidades pode ser promovida em sala de aula, fortalecendo a motivação própria dos alunos e, conseqüentemente, seu envolvimento e desenvolvimento cognitivo. Sua observação é tão apurada que, mesmo com os olhos vendados, ela é capaz de descrever o desenvolvimento de cada aluno, mantendo registros detalhados do avanço individual. As aulas são predominantemente lúdicas, o que facilita o aprendizado de forma prazerosa e é evidente que a professora valoriza a singularidade de cada criança, oferecendo elogios tanto aos que se destacam quanto àqueles que enfrentam dificuldades. Quando necessário, ela interrompe a aula para esclarecer os conteúdos a alunos que não compreendem, garantindo que todos saibam os conceitos. Para os alunos mais dispersos, a professora adota uma estratégia de reposicionamento das carteiras, colocando-os próximos a ela ou a um aluno mais avançado, promovendo maior concentração e interação.

Na sala de aula, composta por um total de 19 alunos, encontram-se alguns casos de necessidades educacionais específicas. Um aluno apresenta Transtorno do Espectro Autista (TEA) diagnosticado, outro aluno, ainda sem diagnóstico formal, apresenta sinais que sugerem a possibilidade de Transtorno do Espectro Autista (TEA) associado a Transtorno Desafiador Opositivo (TDO), e um terceiro aluno tem Síndrome de Down (SD), não se comunicando de forma oral. Além disso, dois alunos necessitam de intervenção frequente da

professora para a realização das atividades propostas. A sala conta com o apoio de uma única monitora, designada para auxiliar o aluno com o laudo de TEA, mas que também acaba oferecendo suporte ao aluno com Síndrome de Down, evidenciando a sobrecarga de tarefas da professora para atender a todos os alunos de maneira eficaz. Piaget (1990, p.12) define:

É uma construção contínua, comparável à edificação de um grande prédio que, na medida em que se acrescenta algo, ficará mais sólido, ou à montagem de um mecanismo delicado, cujas fases gradativas de ajustamento conduziram a uma flexibilidade e uma mobilidade das peças tanto maiores quanto mais estável se tornasse o equilíbrio (Piaget,1990 p.12).

Piaget descreve o processo de aprendizagem como uma construção contínua, comparável à edificação de um grande prédio. A cada novo passo, a estrutura se torna mais sólida. Da mesma forma, o conhecimento não é simplesmente transmitido pelo docente, mas construído de maneira única pelo aluno, por meio de suas próprias vivências e experiências. Nesse sentido, a professora, ao compreender essa diversidade, adota uma abordagem pedagógica diferenciada, elaborando dois planos de aula distintos. O primeiro plano é especificamente adaptado para atender às necessidades educacionais do aluno com Síndrome de Down, considerando suas particularidades cognitivas e sociais, com o objetivo de promover sua inclusão e participação plena no ambiente escolar. Por outro lado, os demais alunos, incluindo aquele diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA), seguem o plano curricular regular, com as devidas adaptações e estratégias de suporte, para garantir que todos possam acompanhar o ritmo da turma de forma significativa.

Para o aluno com Síndrome de Down, as atividades são voltadas para o aprendizado do alfabeto, números móveis e colagens, estimulando habilidades motoras e cognitivas específicas. Quando a monitora não consegue aplicar as atividades de forma individualizada, a professora se coloca ao lado do aluno, orientando-o diretamente e garantindo que ele participe ativamente da aula. No entanto, o aluno ainda enfrenta dificuldades no manuseio do lápis e na escrita de seu nome, conseguindo escrever apenas o primeiro nome, o que exige atenção constante e intervenções pedagógicas personalizadas.

Durante o momento de avaliação, a monitora desempenhava um papel fundamental ao oferecer suporte direto à aluna com Transtorno do Espectro Autista (TEA), auxiliando-a na compreensão das questões para que ela pudesse realizar a prova de forma segura. Simultaneamente, a professora assumia a responsabilidade e se dedicava a prestar atenção ao outro aluno, que apresentava indícios de possível TEA, oferecendo orientações e suporte

conforme necessário e, ao mesmo tempo, lendo as questões da prova em voz alta, dando exemplo de algumas questões, explicando a prova e sanando as dúvidas dos outros alunos da turma. Além de se deslocar até as carteiras dos alunos que apresentam dificuldades para auxiliá-los na compreensão das questões.

O aluno com Síndrome de Down (SD) realizava a prova no mesmo dia, porém em um horário distinto. Nesse momento, a professora acompanha o aluno de perto, dedicava-se integralmente a ele, oferecendo explicações detalhadas e ajustando a avaliação de acordo com suas necessidades específicas. Como a professora contava com apenas uma monitora para toda a turma, ela encarregava à monitora a responsabilidade de observar os demais alunos. Assim, enquanto a monitora supervisionava a turma e assegurava que todos os alunos estivessem bem, a professora concentrava-se exclusivamente em proporcionar o suporte adequado ao aluno com Síndrome de Down. Dessa maneira, a professora e a monitora fizeram uma abordagem colaborativa, equilibrando suas atenções e estratégias de apoio para garantir que todos os alunos, com suas particularidades, pudessem participar da avaliação de forma equitativa e significativa.

Quando a monitora se ausentava, a professora adotava estratégias para garantir o acompanhamento adequado dos alunos com necessidades especiais. As crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) eram posicionadas ao lado de alunos mais avançados, favorecendo a interação e o suporte entre pares, o que facilitava sua integração nas atividades. Já o aluno com Síndrome de Down (SD) permanecia constantemente ao lado da professora, devido à sua falta de noção de perigo, o que impossibilitava que ficasse desacompanhado. Essa medida visava garantir sua segurança e participação plena nas atividades escolares, evidenciando a atenção individualizada que a professora dedica a cada aluno.

Em relação aos conteúdos, a docente demonstrava um compromisso intenso com o desenvolvimento da leitura e da escrita, abordando também a variação linguística de forma enriquecedora para os alunos. Ela frequentemente aplicava ditados, utilizando o alfabeto móvel como ferramenta pedagógica para auxiliar na construção de palavras, permitindo que os estudantes desenvolvessem suas habilidades de escrita de maneira prática e interativa. Além disso, a professora fazia uso de recursos concretos, como palitos, para facilitar a compreensão e a realização de operações matemáticas, como adição e subtração, promovendo uma aprendizagem mais tangível e acessível.

A professora se mostrava rigorosa no acompanhamento do aprendizado dos alunos, atribuindo deveres de casa com regularidade e garantindo que, no dia seguinte, houvesse um momento dedicado à correção das atividades. Ela circulava entre as carteiras, verificando

individualmente quem havia cumprido as tarefas e, em seguida, corrigia as questões no quadro, promovendo uma discussão coletiva sobre as respostas. Esse processo não só possibilitava a correção de erros, mas também encorajava a reflexão dos alunos sobre seus próprios aprendizados, estimulando a participação ativa e o engajamento da turma.

De forma clara, expressei meu profundo respeito pela professora, pois ela demonstrava uma habilidade admirável ao administrar uma turma de 19 alunos, sendo 03 com necessidades educacionais especiais, cada um com suas particularidades cognitivas e emocionais. Em sala de aula, era possível observar comportamentos diversos, como alunos mais irritados, emocionais ou até mesmo desafiadores. Além disso, havia conflitos e situações de desconforto entre os estudantes. Contudo, a professora lidava com essas situações de maneira excepcional, mantendo a calma e a autoridade necessárias para mediar os conflitos e proporcionar um ambiente de aprendizagem saudável e produtivo para todos os alunos. Sua capacidade de gerenciar a diversidade de comportamentos e de adaptar suas estratégias pedagógicas para atender às necessidades de cada aluno é algo digno de reconhecimento e admiração.

Em síntese, tive a oportunidade de vivenciar de forma prática a importância da mediação entre professor e aluno, ao observar crianças conquistando seus objetivos de maneira autônoma, com o suporte necessário, o que evidenciou a eficácia de uma intervenção pedagógica cuidadosa e bem estruturada. Essa experiência permitiu-me perceber que é plenamente possível lidar com as diferenças existentes em uma sala de aula, criando um ambiente inclusivo, no qual conseguimos atender tanto os alunos do ensino regular quanto os alunos com necessidades educacionais especiais, de maneira simultânea e eficiente.

Além disso, essa vivência consolidou minha convicção em seguir a carreira educacional, ao passo que ampliou minha motivação para lecionar, com o objetivo de impactar positivamente a vida das crianças, contribuindo para o seu desenvolvimento não apenas acadêmico, mas também social e emocional. Desejo me tornar uma professora tão competente quanto essa profissional, que, mesmo nos dias em que não se sentia bem, chegava à sala de aula com um sorriso no rosto, disposta a ensinar, educar e acolher seus alunos, independentemente das circunstâncias pessoais. Estando sempre disponível para interagir com os alunos, seja por meio de atividades lúdicas como cantar, ou no simples ato de ouvir e conversar com eles, mesmo quando o planejamento da aula estivesse sobrecarregado com múltiplas tarefas. A partir dessa observação, compreendi que, embora o plano de aula estivesse repleto de atividades a serem cumpridas, a verdadeira preocupação da professora

era ensinar de forma eficaz, de modo que o conteúdo fosse internalizado pelos alunos, e não apenas transmitido superficialmente.

Além disso, a atenção da professora ao progresso dos alunos com necessidades educacionais especiais era notável, demonstrando um cuidado especial em acompanhar e valorizar cada avanço, por menor que fosse. Ela se dedicava a elogiar constantemente os alunos e registrava minuciosamente cada passo dado por eles, o que não só incentivava seu desenvolvimento acadêmico, mas também promovia uma autoestima positiva e um sentimento de pertencimento no ambiente escolar. Essa prática reflete a importância de uma educação inclusiva, que valoriza e respeita as singularidades de cada aluno

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA RESIDÊNCIA DA EJA

(LETÍCIA ARCANJO)

Educação de Jovens e Adultos e a obrigatoriedade de atendimento

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino voltada para pessoas que não tiveram acesso ou não concluíram o ensino básico na idade considerada adequada. A EJA oferta o direito de concluir ou iniciar os estudos em diferentes faixas etárias, principalmente jovens, adultos e idosos que, por diversas razões, ficaram fora da escolarização formal. Essa modalidade é amparada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.304, de 1996 no artigo 37, evidenciando a preocupação em garantir a continuidade e o acesso aos estudos para aqueles que tiveram o seu direito de estudar negado.

Muitos são os motivos que causam a interrupção escolar dessa população, entre eles questões socioeconômicas, falta de apoio familiar, necessidade de trabalhar desde cedo ou até mesmo dificuldades de aprendizagem, seja por questões de atraso, doenças ou adversidades não reconhecidas. O Parecer CEB 11/2000, regulamentou “As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos” (CEB nº 11/2000, aprovado em 10 de maio de 2000), preconiza que a EJA não possui a função de suprir somente a escolaridade perdida, mas sim, as funções reparadora, qualificadora e equalizadora que são garantidas, dessa forma, pela legislação. E por ser uma educação que precisa integrar essa diversidade de sujeitos, acaba sendo desafiadora, pois trata-se de uma alternativa para minimizar as desigualdades sociais. Conforme Gomes; Souza (2011), sobre o perfil dos estudantes;

Quando se fala do cenário da EJA e, conseqüentemente, do perfil dos educandos, nos deparamos com sujeitos de diversas faixas etárias e com inúmeras histórias de vidas que por diversos motivos foram excluídas da escola “regular” ou que pelo ingresso no mercado de trabalho evadiram-se dela. Os jovens, adultos e idosos que constituem este grupo heterogêneo do ponto de vista social e econômico são delimitados [...], não somente pela idade, mas por serem um conjunto de indivíduos heterogêneos, com especificidades próprias, inseridos na diversidade de grupos geracionais e culturais distintos presente na sociedade atual (Gomes; Souza, 2011, p. 02).

Dessa forma, as práticas pedagógicas voltadas para esse público são interrogadas a atender as particularidades dos alunos, promovendo um ensino contextualizado e alinhado às suas realidades. A adaptação curricular, o uso de metodologias significativas e a valorização das experiências de vida dos educandos são aspectos essenciais para garantir um processo educacional coerente a seu público. Segundo o Parecer CEB nº: 11/2000 do Conselho Nacional de Educação:

A EJA possui três funções. A primeira é a função reparadora, que significa garantir o direito ao acesso a uma escola de qualidade. A segunda função é equalizadora que visa dar cobertura aos trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados, ou seja, vai garantir a reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho e na vida social. Já a terceira, a função qualificadora, abrange jovens ainda não empregados, desempregados, que podem encontrar no EJA um lugar de melhor capacitação para o mundo do trabalho e para a atribuição de significados às experiências sócio-culturais trazidas por ele. (BRASIL, 2000).

A EJA, portanto, não se limita a uma função reparadora do ensino formal, mas atua como um instrumento de transformação social, possibilitando que os indivíduos ampliem suas oportunidades de inserção no mercado de trabalho, na sociedade e exerçam plenamente sua cidadania. Assim, compreender as especificidades dessa modalidade e aprimorar suas práticas pedagógicas são desafios constantes para garantir uma educação inclusiva e de qualidade.

As desigualdades em sala de aula da EJA

A sala da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um espaço marcado pela diversidade, reunindo estudantes de diferentes idades, vivências e níveis de conhecimento.

Como é uma turma multisseriada, nela convivem alunos com distintos graus de escolarização, cada um trazendo sua própria história e motivações para retomar os estudos. Essa riqueza de experiências torna o ambiente de aprendizagem dinâmico, permitindo a troca de saberes e a valorização das trajetórias individuais. Nesse contexto, o desafio é garantir que todos sejam incluídos no processo educativo, respeitando ritmos e necessidades próprias, para que possam alcançar seus objetivos.

As motivações para discutir esse assunto vêm após a participação no Programa Residência Pedagógica em uma escola da rede pública da cidade de Mariana. Em Mariana, de acordo com o Censo Escolar de 2017, há sete escolas que oferecem essa modalidade, mas no Ensino Fundamental, nosso nível de atuação, há apenas três escolas na sede do município. As escolas são organizadas em turmas multisseriadas, no período da noite, pois o senso comum é que esse período seria mais prático para a frequência dos jovens e adultos. E por se tratar de uma turma multisseriada, apresentou diversos desafios, tanto para os alunos quanto para os professores. Um dos principais problemas é a grande diversidade de níveis de aprendizado dentro da mesma sala de aula. Como os estudantes têm diferentes graus de escolaridade, o professor precisa adaptar o conteúdo para atender a todos. Foi observado que isso dificultou a personalização do ensino, pois, alguns alunos ficaram com o conhecimento comprometido, o que é uma barreira na efetivação da modalidade como direito ao aprender.

Outro desafio está na motivação dos estudantes. Na EJA, muitos alunos já enfrentam dificuldades externas, como trabalho e responsabilidades familiares. Quando estão em uma turma onde os conteúdos podem ser muito básicos ou muito avançados para eles, há um risco maior de desinteresse e abandono escolar. Além disso, a falta de materiais e metodologias específicas para o ensino multisseriado na EJA pode dificultar ainda mais o trabalho do professor. Muitas estratégias pedagógicas são voltadas para turmas homogêneas, o que exige que o docente crie adaptações constantemente.

Durante o período de regência, percebi que o auxílio de outros profissionais poderia diminuir essa dificuldade. Na escola em que participei, havia pessoas de várias idades e em vários níveis, alguns que não conseguem ler e escrever mesmo tendo frequentado a escola há anos. Com o auxílio de monitores, foi possível criar propostas para que todos participassem da atividade, não sendo papel de acompanhamento apenas da professora, que muitas vezes fica em meio a um conflito entre intermediar o conteúdo e controlar a interação entre alunos com níveis distintos. Além disso, a turma com apenas um professor pode causar desânimo àqueles que não conseguem acompanhar os colegas, levando-os a ficar frustrados por um

ritmo de aprendizado mais lento. Isso pode impactar a dinâmica da turma e gerar dificuldades na construção de um ambiente de aprendizagem colaborativo.

Segundo Moura (2018), “ao tratarmos de EJA, retomamos o discurso de diversidade que institui formas de ser sujeito e precisam incidir no planejamento e implementação de ações no contexto educacional das salas de aula da educação de jovens, adultos e idosos” (Moura, 2018, p. 51). Dessa forma, embora a turma multiseriada possa ser uma solução econômica para atender a demanda da EJA em determinadas localidades, é fundamental que haja um planejamento pedagógico adequado para minimizar esses desafios e garantir um ensino de qualidade para todos os estudantes.

EJA no Programa de Residência Pedagógica

O Programa de Residência Pedagógica é uma proposta de aperfeiçoamento pessoal para alunos do curso superior. Esse programa nos permite ter uma ligação mais direta com a educação básica enquanto alunos. O Programa oferece atuação em todos os níveis de ensino, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio e na modalidade EJA. E tem como objetivo complementar a formação dos alunos do ensino superior dos cursos de licenciatura, contribuir para a criação da identidade profissional, preparar os alunos para futuramente ter uma atuação profissional mais completa e melhor através da experiência.

No Programa Residência Subprojeto Alfabetização na EJA, entrei como voluntária e ao longo do tempo fui criando amor por trabalhar com a EJA. Os profissionais daquela escola contribuíram para um olhar mais positivo sobre essa modalidade, pois pouco se vê o cuidado com a Educação de Jovens e Adultos, mas com o projeto tive a percepção e a confiança que a escola se dedica a acolher e principalmente a ensinar os licenciandos de maneira atenciosa e comprometida.

O Programa foi essencial para pensar sobre as diferenças e desigualdades. Os alunos da EJA possuem histórias de vida diversas e, muitas vezes, marcadas por desafios socioeconômicos, dificuldades no acesso à escola na infância e responsabilidades familiares ou profissionais que os afastaram dos estudos. Por isso, o ensino nessa modalidade necessita ser pensado de forma diferenciada e adaptado às necessidades específicas desse público, respeitando suas vivências, ritmos de aprendizagem e expectativas.

No dia a dia, nós observamos que muitos alunos chegam à EJA depois de longos períodos afastados da escola, trazendo consigo conhecimentos adquiridos no trabalho e na vida cotidiana. Isso nos faz sair da bolha do pensamento de que aprendemos somente o que é

ensinado na escola, mas a EJA nos ensina a valorizar essas experiências e integrá-las ao processo de ensino tornando a aprendizagem significativa.

Um conhecimento que pude assimilar é que a aprendizagem de jovens e adultos não pode seguir os mesmos métodos aplicados às crianças e adolescentes. Estratégias como ensino contextualizado, uso de tecnologias, metodologias ativas e materiais adaptados são fundamentais para manter o interesse e promover a aprendizagem. Notei que não adianta fazer a inclusão desses alunos se não pensarmos em estratégias para ensinar. E ao contrário do ensino comum, é importante considerar que muitos estudantes trabalham, têm filhos e outras responsabilidades. Flexibilizar horários, oferecer suporte pedagógico diferenciado e criar uma rotina de estudos acessível são formas de garantir que essas pessoas possam continuar aprendendo sem abandonar outras áreas da vida.

Todo o aprendizado adquirido com as observações na sala era conversado com os residentes e preceptores através de encontros semanais. Além disso, em alguns momentos tínhamos nosso papel de professor, onde fazíamos a aplicação de oficinas temáticas, regência de atividades e auxílio ao professor. Durante a realização do Programa, os residentes observavam as aulas ministradas remotamente pela preceptora e nesse momento identificar como era feito o atendimento às dificuldades dos alunos, bem como o que o professor fazia para que todos conseguissem desenvolver o que era necessário.

Descrevendo a professora, a turma e as práticas

A experiência de observar o atendimento às diferenças foi vivenciado em uma escola municipal, no turno da noite, onde atuei com uma turma multisseriada de 15 alunos do Ensino Fundamental. O período de residência foi extenso, possibilitando uma boa observação e atuação. As aulas dos alunos geralmente começavam às 18:40 e finalizam às 22:00. Como em toda a sala de aula, havia alunos que tinham uma dificuldade em relação aos outros pois, eles estavam em diferentes níveis de aprendizagem, idades variadas e trajetórias educacionais distintas. Isso tornava o ensino mais desafiador. A professora precisava atender às necessidades individuais de cada estudante, adaptando metodologias e conteúdos para garantir que todos conseguissem aprender de forma significativa.

Visando enfrentar a diferença de níveis de conhecimento da turma, foi adotado pela escola uma salinha específica para atendimento em pequenos grupos, durante alguns dias da semana. Para tanto, um grupo de três a quatro alunos saíam da sua sala de aula e iam para o atendimento em uma turma menor, no qual a professora poderia trabalhar as dificuldades

deles. Os conteúdos eram tratados de forma individual, com a nossa ajuda e, praticamente, cada residente ajudava um aluno. Havia dois alunos que frequentavam a escola há bastante tempo, mas por algum problema intelectual não conseguiram desenvolver. Ainda assim, havia um cuidado em preparar alguma atividade que pudesse participar. Eles aprenderam com a experiência da vida, por exemplo, a falar o nome, a sua rua, iam todos os dias às aulas e tentavam fazer as atividades. Outros alunos, por motivos de emprego, tiveram que retornar aos estudos, ainda aqueles que queriam estudar para melhorar a carreira profissional ou aqueles que infelizmente os pais, ou as circunstâncias da vida, impediram de estudar e sentiram a necessidade de retornar. Nisso vimos a importância da EJA. Eles valorizavam esse ensino, e mostravam como era importante ir à escola. O mercado de trabalho hoje exige muito dos sujeitos e, sem a alfabetização, em algumas áreas fica impossível trabalhar. A maioria ia depois do trabalho para a escola. Diante deste cenário, o professor precisava utilizar estratégias diversificadas, como a contextualização dos temas, o uso de recursos visuais e tecnológicos, além do incentivo à troca de experiências entre os alunos, para tornar o ensino mais acessível e significativo para todos.

Com a observação da regência do professor com seus alunos na turma da EJA, pude entender que nessa área, tudo é complexo, pois, deve-se pensar em atividades que realmente não infantilizam os estudantes ou o modo como tratá-los, visto serem um público específico, sujeitos que já possuem um conhecimento prévio vindo de suas experiências de vida, adquiridas no meio em que vivem e no trabalho.

Observei que os próprios alunos se negam a realizar atividades infantilizadas ou que não sejam para eles consideradas ‘ensino’, já que são de um tempo de escola diferente do que é hoje, então qualquer atividade que saia do padrão, não é bem apreciado pelos alunos. Eles saem de casa para realmente ‘aprender’, assim, tudo que é lúdico para eles, foge da ideia de escolar. Na turma com alunos com idades entre 18 e 70 anos, isso gera um esforço a mais do professor, pois a demanda de jovens e adultos é diversificada. Ao reconhecer essas diferenças e oferecer um ensino personalizado, o professor contribui para que cada aluno desenvolva seu potencial, garantindo um aprendizado significativo e respeitando seu ritmo. A atenção individualizada também ajuda a evitar o abandono escolar, pois cria um ambiente mais acolhedor e motivador, no qual os estudantes se sentem valorizados e capazes de participar.

As atividades passadas para os alunos, geralmente, eram em folhas e a professora organizava conforme o nível de cada um. Ela dividia as atividades em níveis fácil, médio e difícil. Cada um ia fazendo conforme o seu conhecimento e ela auxiliando. Apesar de ser uma turma de Ensino Fundamental, a professora tinha dificuldade em pensar nas atividades.

Isso pode ser reflexo também da nossa formação. No curso de Pedagogia, a maioria das unidades curriculares são voltadas para a alfabetização de criança, bem como os estágios são na área do Ensino Infantil e Fundamental. Pouca é a experiência prática e teórica voltada para a EJA e, com isso, além de saber a base da alfabetização na perspectiva do letramento, devemos nos desdobrar para oferecer conteúdo adequado. Conforme Lerner (2002), “criar condições didáticas de ensino é imprescindível para a formação do educando”. Pude compreender nessa vivência como residente, que não só ensinamos em sala de aula, como também conhecemos cada aluno e pensar estratégias para que todos aprendam favorece muito a nossa formação, futuros professores.

Como atender as diferenças dos sujeitos diversos

Os alunos da EJA tinham muitas lacunas na escolarização, o que gerava neles insegurança e dificuldades na leitura e na escrita. A maioria não sabia organizar as suas próprias ideias, reflexo de fatores externos, como cansaço após o trabalho, dificuldades pessoais e até baixa autoestima em relação ao aprendizado, que interferem no processo. Ramos (2021) afirma que;

A maioria dos alunos do ensino EJA, já chegam às escolas cansados. Muitos deles trabalham, por isso as aulas deveriam ser mais atraentes e interessantes. A tecnologia é uma excelente ferramenta para otimizar essas aulas, embora muitas escolas não ofereçam isso. Diante dessa situação, existe grande preocupação por parte dos professores da educação continuada, uma vez que somente por meio de uma formação adequada os professores podem socializar seus conhecimentos com os alunos de forma diferenciada (Ramos, 2021, p. 20).

Para atender a esses sujeitos, é importante perder o nosso preconceito estrutural, o qual associamos a escolarização tardia à falta de esforço individual, ignorando os fatores externos que dificultam o acesso à educação. E dentro do âmbito escolar, podemos pensar em estratégias para diminuir o impacto da falta de recursos. Nós como profissionais, temos como entender o sujeito, buscar compreender as dificuldades, os interesses e as potencialidades, como a professora que adaptou as estratégias de ensino. Alguns alunos precisam de um acompanhamento mais próximo e durante o processo de Residência Pedagógica, vi a importância do atendimento escolar em pequenos grupos e como as parcerias com a equipe pedagógica podem ser eficazes para auxiliar aqueles que apresentam dificuldades maiores. Em muitos lugares, como por exemplo em Mariana, a escola não recebia tantos recursos para o ensino da EJA, sendo ainda mais desafiador. Muitas vezes

tínhamos que levar atividades do nosso próprio bolso para criar algo que saísse da rotina e despertasse interesse nos alunos, mas a preocupação com a inclusão sempre esteve presente, a escola é um exemplo de diminuição dos impactos na Educação de Jovens e Adultos. De acordo com Santos, 2021),

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem um impacto significativo nos contextos socioeconômicos, proporcionando a indivíduos de baixa escolaridade oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional. Ao melhorar os níveis de alfabetização e qualificação, a EJA contribui para a redução das desigualdades sociais e econômicas, promovendo a inclusão e a cidadania ativa (Santos, 2021, p.112).

Diminuir o impacto das diferenças e das desigualdades dentro da sala de aula é um desafio que exige sensibilidade, planejamento e dedicação. Quando criamos um ambiente acolhedor, diversificamos as metodologias de ensino e incentivamos a colaboração, garantimos que todos os alunos tenham a oportunidade de aprender e crescer. Assim, a escola se torna um espaço verdadeiramente de direito educacional, onde cada estudante é valorizado em sua individualidade. Além disso, um ensino que considera as especificidades dos alunos da EJA promove inclusão social e cidadania, permitindo que esses indivíduos adquiram conhecimentos essenciais para sua qualidade de vida e ampliar suas oportunidades de trabalho. Valorizar os alunos da EJA significa reconhecer que o direito à educação é para todos, independentemente da idade ou trajetória.

CONCLUSÃO

No início deste trabalho, formulamos três perguntas centrais: Como os professores enfrentam os desafios de lecionar em salas de aula diversificadas? De que maneira é possível ensinar conteúdos a alunos que vivem em realidades tão distintas? E, por fim, como o professor percebe essas diferenças e lida com elas? Durante o relato, foram abordados os desafios da inclusão de alunos com diferentes necessidades e características no contexto escolar, discutindo as realidades observadas em ambas as etapas do Ensino Fundamental.

Foi possível perceber que, nas escolas nas quais tivemos nossas experiências, prevalece a inclusão ao invés da integração. Em ambos os relatos, destacam-se a preocupação dos professores em buscar recursos didáticos adequados, em revisar seus planos pedagógicos e adaptá-los às necessidades específicas dos alunos. Além disso, observa-se a intenção desses

profissionais em criar um ambiente educacional flexível, modificando suas atividades de modo a atender à individualidade de cada estudante.

Após a leitura e análise dos relatos, acreditamos que seja possível compreender as dificuldades enfrentadas pelos professores ao atender às diversas demandas presentes nas salas de aula. Nossos relatos, são originados de dois contextos educacionais distintos, um nos anos iniciais do Ensino Fundamental e outro na Educação de Jovens e Adultos (EJA), ambos os relatos demonstram que, apesar dos desafios, é viável oferecer uma educação mais respeitosa, inclusiva e digna para todos os estudantes, independentemente de suas condições físicas, mentais ou sociais.

É amplamente reconhecido que o modelo tradicional de integração ainda persiste em algumas instituições de ensino brasileiras, o qual se baseia na premissa de que o aluno deve ser simplesmente ‘integrado’ ao ensino comum, independentemente de sua deficiência ou condições físicas e mentais. Nesse modelo, o aluno é levado a se ajustar às exigências do sistema escolar, ao invés de a escola modificar suas práticas e estruturas para atender às necessidades específicas desse estudante. No contexto dessa abordagem, o professor não realiza adaptações significativas em suas estratégias pedagógicas ou intervenções, o que resulta em dificuldades para o aluno acompanhar o conteúdo de forma eficaz.

Em muitos casos, esse cenário leva à exclusão do aluno no processo educacional, que frequentemente é desconsiderado e, como consequência, após completar 15 anos de idade, já são ‘convidados’ a passar para a EJA. Um dos fatores que contribuem para a interrupção escolar, conforme destacado no segundo relato de estágio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), está intimamente relacionado a esse modelo de integração que não oferece o suporte necessário para atender às reais necessidades dos alunos, comprometendo seu desempenho e seu vínculo com a escola.

É fundamental acreditar que, somente por meio de uma abordagem verdadeiramente inclusiva, será possível assegurar a todos os alunos o acesso igualitário ao direito de aprendizagem, proporcionando-lhes as condições necessárias para desenvolver seu potencial de maneira plena. Dessa forma, serão capazes de se tornar cidadãos críticos e participar ativamente na construção de um ambiente social mais justo e equitativo.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Leila de Almicê dos; GOMES, Geisa Pereira; SOUZA, Janyne Barbosa de. A prática pedagógica da EJA: refletindo sobre as singularidades e o perfil dos educandos. In: **Semana da Pedagogia, Memória de um percurso formativo**. Jequié-BA. 2012.

BRESSA, Thainara Rampelotto. Reflexões sobre a presença de profissionais de apoio/monitores em uma escola da rede municipal de ensino de Santa Maria - RS. 2018. Dissertação final do curso de Educação Especial - Licenciatura Plena da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/24557/Bressa_Thainara_Rampelotto.pdf?sequence=1&isAllowed=y

BRASIL. **Censo Demográfico 2022**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 04 de Fev. 2025

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 11/2000**, de 10 de maio de 2000. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, CNE, 2000a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf. Acesso em: 26/03/2025

BRASIL. SENADO FEDERAL. Profissional de apoio atenderá a no máximo três alunos com deficiência. **Senado notícias**. 11 abr. 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/04/11/profissional-de-apoio-atendera-a-no-maximo-tres-alunos-com-deficiencia#:~:text=A%20Comiss%C3%A3o%20de%20Direitos%20Humanos,pelo%20profissional%20de%20apoio%20escolar>.

COSTA, Osvaldo Neto Sousa **Pedagogia da diversidade**. Sobral: INTA, 2015.

LEITE, Cynthia Maria Bindá. Inclusão e exclusão em sala de aula: Um olhar reflexivo sobre o lidar com as diferenças. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Manaus, 2011. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFAM_e6f7d2d211692cd5c4fd45daea481030

LERNER, Délia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Rio de Janeiro: Artmed, 2002

MAYER, Cristiane; COSTA, Débora. A relação professor e aluno. **Revista Maiêutica**, Indaial, v. 5, n. 01, p. 35-41, 2017. Disponível em:
https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/PED_EaD/article/view/1697/811.

MOURA, Carmen Brunelli.; SILVA, Marluce Pereira. O sujeito da EJA. In: GARCIA, Renata Monteiro.; SILVA, Marluce Pereira. EJA, **Diversidade e Inclusão: reflexões (im)pertinentes**, João Pessoa: Editora UFPB, 2018.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práx. Educ.**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 mar. 2025. Epub 25-Nov-2021.

PEREIRA, Débora Silva de Castro. O ato de aprender e o sujeito que aprende. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo-SP, 2010, Vol. 18, n.16, pg. 112-128. Disponível em:
<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v18n16/v18n16a10.pdf>

RAMOS, Letícia Queiroz. **Educação Para Jovens E Adultos (EJA) NO BRASIL: Historiando no Processo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) 38 f. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO, 2021.

SANTOS, Arlete Ramos. **Impactos Socioeconômicos da Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: Editora Educação, 2021.

SIMÕES, Rosimar Ziza. **Desafios da inclusão escolar em salas multisseriadas para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Currais Novos, 2025.

SOUZA, Ilma. Às diferenças individuais e a sala de aula. Brasil Escola. Monografia. **Revista do Centro de Educação – Caderno de Educação Especial** – Ed.2003 - nº22. Disponível em:
<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/as-diferencas-individuais-sala-aula.htm>.